

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E AUTONOMIA RELATIVA DOS ESTUDANTES: O QUE SE PODE APRENDER DO MÉTODO DO MESTRE IGNORANTE?

TEACHER EDUCATION AND STUDENTS' RELATIVE AUTONOMY: WHAT CAN BE LEARNED FROM THE IGNORANT SCHOOLMASTER METHOD?

FORMACIÓN DOCENTE Y AUTONOMÍA RELATIVA DEL ESTUDIANTE: ¿QUÉ SE PUEDE APRENDER DEL MÉTODO DEL MAESTRO IGNORANTE?

Luís Fernando Lopes¹
Alvino Moser²

Resumo

Este estudo de caráter bibliográfico tem como objetivo analisar o método do mestre ignorante de Joseph Jacotot (RANCIÈRE, 2002), enquanto possibilidade emancipatória na formação de professores. A problemática que guia o desenvolvimento do estudo parte da crítica ao socratismo, amplamente difundido e considerado na formação de professores que, sob a aparência de um método emancipatório, que promove uma pretensa autonomia do estudante, carrega a marca de um ensino tradicional no qual o mestre sabe de antemão para onde conduzir o estudante e a respeito de quais ideias convencê-lo. Deste modo, questiona-se: o que se pode reter do método do mestre ignorante? Considerando que aprendizagem e emancipação são práticas diferentes, embora relacionadas, argumenta-se que geralmente o professor assume uma atitude de sábio e implicitamente reconhece que os ignorantes são tolos e conseqüentemente incapazes de aprender. Assim ele declara o embrutecimento deles, o que nos leva a considerar as críticas ao método maiêutico. Como alternativa para proporcionar uma educação emancipatória, a partir da análise do método do mestre ignorante de Jacotot, apresenta-se a proposta de um método dialógico ancorado na pesquisa orientada com vistas ao desenvolvimento da autonomia do estudante. Espera-se que os resultados aqui alcançados possam contribuir para uma melhor compreensão das problemáticas relativas aos processos de ensino e aprendizagem com vistas à promoção de uma educação emancipada e emancipadora.

Palavras-chave: formação de professores; autonomia; aprendizagem; método.

Abstract

This bibliographic study aims to analyze the ignorant schoolmaster method by Joseph Jacotot (RANCIÈRE, 2002), as an emancipatory possibility in teacher education. The problem that guides the development of the study starts from the criticism of Socratism, widely disseminated and considered in teacher training that, under the guise of an emancipatory method, which promotes an alleged autonomy of the student, carries the mark of traditional teaching in which the master knows in advance where to lead the students and about the ideas to convince them. Thus, the question is: what can be retained from the ignorant schoolmaster method? Considering that learning and emancipation are different practices, although related, it is argued that, generally, the teacher assumes a wise attitude and implicitly recognizes that the ignorant are foolish and consequently incapable of learning. Hence, the teacher declares their brutishness, which leads us to consider the criticisms of the maieutic method. As an alternative to providing an emancipatory education, based on the analysis of Jacotot's ignorant schoolmaster method, a proposal for a dialogic method anchored in research oriented towards the development of student autonomy is presented. It is hoped that the results achieved here can contribute to a better understanding of the issues related to the teaching and learning processes to promote an emancipated and emancipatory education.

Keywords: teacher education; autonomy; learning; method.

¹Doutor em Educação. Professor da Área de Humanidades e do PPGENT do Centro Universitário Internacional — UNINTER. E-mail: luís.l@uninter.com.

²Pós-Doutor em Ética. Doutor em Filosofia. Decano do Centro Universitário Internacional — UNINTER. E-mail: moseral.am@gmail.com.

Resumen

Este estudio bibliográfico tiene como objetivo analizar el método del maestro ignorante de Joseph Jacotot (RANCIÈRE, 2002), como posibilidad emancipadora en la formación docente. El problema que orienta el desarrollo del estudio parte de la crítica al socratismo, ampliamente difundido y considerado en la formación docente que, bajo la apariencia de un método emancipatorio, que promueve una supuesta autonomía del alumno, lleva la impronta de una enseñanza tradicional en la cual el maestro sabe de antemano hacia dónde conducir al alumno y sobre qué ideas convencerlo. Entonces, la pregunta es: ¿qué se puede retener del método del maestro ignorante? Considerando que el aprendizaje y la emancipación son prácticas diferentes pero relacionadas, se argumenta que generalmente el maestro asume una actitud sabia y reconoce implícitamente que los ignorantes son tontos y por lo tanto incapaces de aprender. Así declara su embrutecimiento, lo que nos lleva a considerar las críticas al método mayéutico. Como alternativa para brindar una educación emancipadora, a partir del análisis del método del maestro ignorante de Jacotot, se presenta una propuesta de método dialógico anclado en la investigación orientada al desarrollo de la autonomía del estudiante. Se espera que los resultados aquí alcanzados puedan contribuir a una mejor comprensión de las cuestiones relacionadas con los procesos de enseñanza y aprendizaje con miras a promover una educación emancipada y emancipadora.

Palabras-clave: formación docente; autonomía; aprendizaje; método.

1 Introdução

Verbalizamos algumas obviedades. Não há aprendizagem que não seja autônoma, pois a aprendizagem é um processo que ocorre em primeira pessoa. Ninguém pode aprender no lugar do outro: sou eu que aprendo e ninguém pode aprender em meu lugar. O que se pode, é exigir o que o aluno deve saber. Por exemplo, se alguém quiser usar o *prezi* deverá aprender a usá-lo; o mesmo acontece com as profissões.

Entretanto, o volume de pesquisas e estudos publicados sobre a temática da autonomia nos processos de ensino e aprendizagem expressam uma diversidade de compreensões ou, por vezes, repisam ideias desgastadas que pouco dizem sobre a realidade vivenciada por estudantes e professores, que brada por alternativas. Talvez um dos problemas seja esse, o de esperar que as soluções sejam dadas apenas por especialistas.

Não há dúvida de que os estudos de pesquisadores são fundamentais para o desenvolvimento da educação. Entretanto, mudanças e melhorias, sobretudo aquelas relacionadas à autonomia de estudantes e professores, não são práticas que possam ser concretizadas apenas por meio da compreensão dos resultados de estudos, por mais qualificados que sejam. Educação é uma prática que requer compromisso e participação, consequentemente consciência e autoconsciência.

Nesse sentido, este estudo objetiva analisar o método do mestre ignorante de Joseph Jacotot (RANCIÈRE, 2002), enquanto possibilidade emancipatória na formação de professores. Para tanto, apresenta-se sucintamente o método emancipatório de Joseph Jacotot. Em seguida, aborda-se a crítica ao socratismo. Por fim, apresenta-se a proposta de um método dialógico ancorado na pesquisa orientada com vistas ao desenvolvimento da autonomia do estudante, para

a concretização de uma educação emancipada e emancipatória.

2 O método emancipatório de Joseph Jacotot

Quando Platão (1994, p. 268, itálico nosso) escreve que: “não se cogita lhe dar (ao aluno) a faculdade de ver, ele já possui, mas *dirigir a sua visão* que não está voltada para aquilo que deve ver”, explicita uma autonomia relativa, pois o aluno tem a visão, mas deve-se orientar a sua visão indicando-lhe o que deve aprender.

É o que fazem os governos, as instâncias educacionais ou acadêmicas, desde o MEC até o docente que precisa cumprir os objetivos e trabalhar os conteúdos do currículo. Então, quando se fala em autonomia do aprendente tem-se em mente, sobretudo, o modo de aprender. Embora haja quem possa ter compreensão diferente, a qual respeitamos, somos do parecer que é necessário um currículo baseado nas necessidades do próprio aluno, nas exigências da sociedade e nas recomendações dos especialistas.

Diante de um cenário de contradições, marcado por disputas de poder, cujas consequências são sentidas em todos os âmbitos da sociedade, consequentemente no educacional, o que é possível aprender do método emancipatório de Joseph Jacotot?

O que se pode reter do método do Mestre Ignorante? Aprendizagem é algo e emancipação é algo diferente. O método panecástico³, ou método universal não pode ser institucionalizado (RANCIÈRE, 2002).

No ano de 1818, Joseph Jacotot, bonapartista que foi capitão de artilharia do exército napoleônico, depois da derrota de Waterloo foi exilado para os Países Baixos e se estabeleceu em Bruxelas. Em 1818, Jacotot foi nomeado professor de língua francesa na Universidade de Louvain, mas ele não sabia falar holandês. E os seus alunos não sabiam o francês. Diante deste fato teve que improvisar, improvisado do qual se originou o seu, denominado por ele, método Universal.

Vejamos como Rancière narra este fato:

Publicara-se em Bruxelas, naquela época, uma edição bilíngue do *Telêmaco*. Por meio de um intérprete, ele indicou a obra aos estudantes e lhes solicitou que aprendessem, amparados pela tradução, o texto francês. Quando eles haviam atingido a metade do livro primeiro, mandou dizer-lhes que repetissem sem parar o que haviam aprendido e, quanto ao resto, que se contentassem em lê-lo para poder narrá-lo. Era uma solução de improviso, mas também, em pequena escala, uma experiência filosófica, no gosto daquelas tão apreciadas no Século das Luzes. E Joseph Jacotot, em 1818, permanecia

³Panecástico (Pan, todos, *Ekastos*, cada uno). De origem francesa, a filosofia Panecástica criada por Joseph Jacotot (1770-1840) baseava-se no princípio de que “tudo está em tudo”, e tem por objetivo promover os princípios da emancipação intelectual substituindo os princípios do autoritarismo e pedantismo pelos direitos da razão humana.

um homem do século passado (RANCIÈRE, 2002, p. 5).

Contrariamente ao que poderia esperar, Jacotot teve uma grata surpresa, pois não dera explicação alguma. Os alunos não estudaram nem gramática, nem ortografia, nem aulas de vocabulário, nem como proceder nesse caso inusitado. No entanto, a experiência superou suas expectativas. Quando os alunos estavam no segundo livro solicitou-lhes que escrevessem em francês o que haviam lido.

Esperava Rancière que os seus pupilos escrevessem barbarismos, escrevessem mal ou que nada escrevessem em francês. Mas os estudantes deram um jeito. Como a necessidade suscita a criatividade, eles conseguiram aprender o francês de várias maneiras. Supõe-se que procuraram dicionários, manuais didáticos neerlandeses de francês, consultaram pais, apotecários, médicos, os padres, os que sabiam a língua francesa e, desse modo, sua redação foi semelhante aos de qualquer aluno francês de 14 ou 15 anos.

Conclui-se então, escreve Rancière (2002, p. 15-16): “Não seria, pois, preciso mais do que querer, para poder? Todos os homens seriam, pois, virtualmente capazes de compreender o que outros haviam feito e compreendido?” Jacotot, metaforicamente, os colocara em uma floresta sem lhes dar nenhuma indicação, mas eles encontraram o caminho correto. “Não seria, pois, preciso mais do que querer, para poder? Todos os homens seriam, pois, virtualmente capazes de compreender o que outros haviam feito e compreendido?” (RANCIÈRE, 2002, p. 16).

Sozinhos eles haviam aprendido a combiná-las (as palavras francesas), para fazer, por sua vez, frases francesas: frases cuja ortografia e gramática tornavam-se cada vez mais exatas, à medida em que avançavam na leitura do livro; mas, sobretudo, frases de escritores, e não de iniciantes. Seriam, pois, supérfluas as explicações do mestre? Ou, se não o eram, para que e para quem teriam, então, utilidade (RANCIÈRE, 2002, p. 17).

Pergunta ele: para que foi feito o livro didático? O livro didático é feito para explicar aos alunos o que devem aprender. E que fazem os professores? Explicam aos alunos o que o livro didático ensina. Não seria mais fácil dar aos alunos o livro didático para que eles aprendam do seu modo, em vez do modo segundo o qual o professor faz? O professor explica aos alunos o que devem aprender pelo livro didático! Não seria este último modo uma maneira redundante de usar o livro didático? Então, está-se diante de um dilema: ou damos o livro didático ao aluno ou eliminamos a necessidade do professor? Ora, os seus filhos, hoje alunos, aprenderam a língua materna ouvindo, repetindo e imitando e aprendem muito melhor do que nas aulas.

Miller e Gildea (1987) pesquisaram a diferença entre o aprendizado do significado de

palavras na vida cotidiana, em contexto, no qual as pessoas se comunicam ordinariamente e como elas aprendem as definições dos dicionários na escola, ou seja, em contexto escolar. As pessoas aprendem na vida cotidiana entre 1 e 17 anos cerca de 5.000 palavras, ou 13 palavras por dia em 16 anos. Ao passo que na escola aprendem em média 100 a 200 palavras por ano.

Por outro lado, aprender palavras de definições abstratas e sentenças retiradas do contexto da normalidade do uso, o modo como o vocabulário é frequentemente ensinado, é lento e geralmente malsucedido. Mal há tempo suficiente na sala de aula para ensinar mais de 100 a 200 palavras por ano. Além disso, muito do que é ensinado acaba por ser quase inútil na prática (BROWN; COLLINS, 1989, p. 32).

Mas, o que falta aos pais e mães de família? Há um trio a ser considerado: a criança, o livro e o explicador. Rancière diz que é a arte da distância e, além disso, o mestre, embora ninguém ensine ninguém; a aprendizagem é algo que ocorre em primeira pessoa, há o conhecimento especializado do discente que sabe como transpor didaticamente o conhecimento dos cientistas, saber especializado, para o matema, isto é, o saber que pode ser ensinado e aprendido e o encurtamento do tempo. Como os alunos poderiam aprender por si mesmos, a fórmula de Bhaskara? Ou outras questões e problemas de matemática, sem ajuda? Excetuam-se casos excepcionais apresentados, por exemplo, por Stanislas Dehaene (1997) em *Number Sense*.

No capítulo final da obra *O mestre ignorante*, intitulado *O emancipador e suas imitações* (RANCIÈRE, 2002, p. 107), Jacotot reconhece que o seu método, método panecástico ou método Universal não pode ser institucionalizado. E se limita a relações análogas entre pais e filhos e/ou em certas disciplinas. Por exemplo, quando foi convocado para formar batalhões do exército do príncipe de Orange na Holanda, relutando aceitou, mas reconhecia não ser eficaz. Nesse caso, é preciso ser treinado para as funções de um batalhão segundo suas finalidades específicas, que não podem ficar a cargo de acertos individuais.

No que Jacotot insiste é na emancipação do aluno:

Aproveitai, pois, a emancipação intelectual para vós e vossos filhos. Ajudai aos pobres. Mas limitai-vos a fazer, para vosso país, tenentes e cidadãos acadêmicos. Não precisais mais de mim para avançar por essas veredas. O discurso do Fundador aos seus discípulos militares — e ele teve discípulos fiéis — figura no frontispício do volume *Ensino Universal Matemáticas*, obra em que, segundo o exasperante hábito do Mestre em toda matéria, não há uma só palavra sobre matemática (RANCIÈRE, 2002, p. 110).

Quando Jacotot solicitou aos alunos que estudassem francês pela edição bilingue do livro de Fénelon:

[...] ele somente lhes havia dado a ordem de atravessar uma floresta cuja saída ignorava. A necessidade o havia constringido a deixar inteiramente de fora sua inteligência, essa inteligência mediadora do mestre que une a inteligência impressa nas palavras escritas àquela do aprendiz. E, ao mesmo tempo, ele havia suprimido essa distância imaginária, que é o princípio do **embrutecimento pedagógico** (RANCIÈRE, 2002, p. 22, negrito nosso).

Os alunos aprenderam, não porque fossem inteligentes, mas porque queriam aprender, pois o homem é uma inteligência dominada pela vontade. De certo modo, concorda com Descartes, que na 4ª Meditação afirma: “erramos porque temos uma inteligência limitada, não podemos conhecer nem saber tudo, e uma vontade de amplitude ilimitada. E desta não sobreposição decorre a possibilidade do erro” (DESCARTES, 1953, p. 301).

Então, Jacotot compreendeu que deveria inverter a “lógica do explicador”. Não é o ignorante que precisa do explicador, porque, como no caso da leitura da obra de Fénelon, o ignorante aprende sozinho. É o explicador que precisa que o ignorante mostre e confesse sua incapacidade de compreender. Como ele dirá a respeito de Sócrates, o professor parte de uma atitude de sábio e implicitamente reconhece que os ignorantes são tolos, incapazes de aprender. Ele declara o embrutecimento deles, o que nos leva a considerar as críticas ao método maiêutico.

3 Crítica ao socratismo: a “pretensa autonomia” do aprendente

O saber do professor exerce uma dupla coerção sobre a emancipação do aluno. Em primeiro lugar, pela sua posição no estrado de autoridade que lhe confere o sistema educacional e, em segundo, pelo próprio fato de o docente conhecer o assunto, as suas perguntas orientam as respostas dos alunos.

O método socrático é criticado por Jacotot pois o processo por meio das perguntas que o professor formula coloca-o como o provedor do saber. O socratismo torna-se assim uma forma aperfeiçoada do embrutecimento. Como todo mestre sábio, Sócrates interroga para instruir. Ora, quem quer emancipar um homem deve interrogá-lo à maneira dos homens e não à maneira dos sábios, para instruir-se a si próprio e não para instruir um outro.

O método socrático da interrogação que pretende conduzir o aluno a seu próprio saber, é de fato de um amestrador de cavalos. “Ele comanda as evoluções, as marchas e contramarchas”. De sua parte, conserva o repouso e a dignidade do comando durante o manejo do espírito que está dirigindo. De desvios em desvios, o espírito chega a um fim que não havia entrevisto quando da partida. Ele se espanta, se volta, percebe seu guia, o espanto se transforma em admiração e o embrutece. O aluno sente que, sozinho e abandonado a si mesmo, ele não teria seguido essa rota (JACOTOT, 1838, p. 41 apud RANCIÈRE, 2002, p. 69).

Em geral, a maiêutica socrática é interpretada como se de fato fosse o trabalho de uma parteira, como o mesmo Platão por meio da fala de Sócrates descreve no Teeteto. A parteira, o obstetra, apenas assiste se o que acontece com a parturiente corre bem, sem nenhuma intercorrência que possa prejudicar tanto a mãe como o feto.

VII — Sócrates — A minha arte obstétrica tem atribuições iguais às das parteiras, com a diferença de eu não partejar mulher, porém homens, e de acompanhar as almas, não os corpos, em seu trabalho de parto. Porém a **grande superioridade da minha arte consiste na faculdade de conhecer de pronto se o que a alma dos jovens está na iminência de conceber é alguma quimera e falsidade ou fruto legítimo e verdadeiro** (PLATÃO, s/d, p. 10 grifo nosso).

É justamente essa superioridade que Jacotot critica: sendo superior, Sócrates já sabe como e para onde conduzir o jovem. De aí a sua superioridade e atitude de embrutecimento. No caso do escravo de Menon, depois de demonstrar o teorema de Pitágoras, ele continuou escravo, sua condição social não mudou; não houve emancipação.

Acompanhando a crítica de Kohan (2004, p. 120) comentando a maiêutica no Menon (PLATÃO, 2001, p. 22), vemos que o escravo é conduzido pela mão de Sócrates, que o ensina e “Sócrates não faz o que diz fazer”, pois, o escravo é pego pela mão de Sócrates que o leva até onde quer. Ao jovem escravo cabe apenas seguir o caminho do mestre. Assim, o escravo não aprende por si, uma vez que é conduzido, como observou Jacotot.

No caso de Jacotot com os jovens holandeses, conforme descreve Rancière (2002), ele os deixou na floresta e não lhes deu nenhuma indicação; não lhes perguntou coisa alguma, nem foi perguntado.

Ele somente lhes havia dado a ordem de atravessar uma floresta cuja saída ignorava. A necessidade o havia constringido a deixar inteiramente de fora sua inteligência, essa inteligência mediadora do mestre que une a inteligência impressa nas palavras escritas àquela do aprendiz. E, ao mesmo tempo, ele havia suprimido essa distância imaginária, que é o princípio do embrutecimento pedagógico. Tudo se deu, a rigor, entre a inteligência de Fénelon, que havia querido fazer um certo uso da língua francesa, a do tradutor, que havia querido fornecer o equivalente em holandês, e a inteligência dos aprendizes, **que queriam aprender** a língua francesa. E ficou evidente que nenhuma outra inteligência era necessária. Sem perceber, ele os havia feito descobrir o que ele próprio com eles descobria: todas as frases e, por conseguinte, todas as inteligências que as produzem são de mesma natureza. Compreender não é mais do que traduzir, isto é, fornecer o equivalente de um texto, mas não sua razão (RANCIÈRE, 2002, p. 22, grifo nosso).

Ainda de acordo com Rancière (2002, p. 25), esse método da igualdade era, inicialmente, um método da vontade. Podia-se aprender sozinho, e sem mestre explicador, quando se queria, pela tensão de seu próprio desejo ou pelas contingências da situação.

Kohan (2003, p. 226) indica outra incoerência de Sócrates, pois quando ele quer se

esconder atrás de sua pretensa ignorância, “pensa que é o mais sábio, na pólis, e que sua tarefa consiste, justamente, em mostrar aos outros o pouco valor de seu saber”.

4 Considerações finais

As necessidades dos alunos são determinadas por meio de pesquisas para que se saiba o que realmente o aluno precisa aprender para não os submeter a um leito de Procusto⁴ de modo que sejam obrigados a aprender obviedades, inutilidades, impossibilidades e contraditoriedades, conforme salienta Umberto Eco (1989).

Para evitar esse engessamento e apego ao ensino de conteúdos supérfluos e desnecessários, a formação precisa ser vista sob uma perspectiva tríplice: 1) formação para profissão, pelo ensino das ciências de dominação, 2) formação pessoal do homem integral pelas ciências educacionais (em alemão, *Bildungswissenschaften*), e 3) formação para a emancipação, isto é, para que o estudante se torne um cidadão crítico das ideologias e dos saberes inúteis, pelas ciências da emancipação (*Erlösungswissenschaften*), como a filosofia, a sociologia e a teoria crítica.

Em segundo lugar, é preciso que os estudantes se formem nas competências necessárias para subsistência e manutenção na sociedade. Essas competências estão em plena transformação, pois quando formados, os estudantes que ora estão nos bancos das escolas básicas e de nível médio encontrarão profissões que irão emergir e as vigentes desaparecerão. Logo, o aluno deve ser formado para se comportar de modo autônomo para fazer uso de sua liberdade.

A autonomia exige autodecisão, autoplanejamento e autocompromisso (*self commitment*). Sobre a necessidade de um aprendizado autônomo, Platão na República já chamava a atenção para a necessidade de não obrigar homens livres a aprender como se fossem escravos, bem como para não usar de violência na educação de crianças.

Sócrates — Porque o homem livre não deve ser obrigado a aprender como se fosse escravo. Os exercícios físicos, quando praticados à força, não causam dano ao corpo, mas as lições que se fazem entrar à força na alma nela não permanecerão. Glauco — É a pura verdade. Sócrates — Assim, caríssimo, não uses de violência para educar as crianças, mas age de modo que aprendam brincando, pois assim poderás perceber mais facilmente as tendências naturais de cada uma (PLATÃO, 1994, p. 331).

² Procusto é um dos mais emblemáticos personagens da mitologia grega. Bandido impiedoso que possuía uma cama de ferro de seu exato tamanho. Divertia-se obrigando os viajantes que capturava a deitarem-se nessa tal cama; se maiores, cortava-lhes as pernas, se menores, esticava-os até caberem exatamente no leito. Em outras palavras, matava-os qualquer que fosse sua altura, até que o herói Teseu logrou prendê-lo, aplicando contra ele o mesmo suplício: cortou-lhe a cabeça e os pés (VIGANÓ, 2018, p. 01).

Finalmente, é necessário apelar para a experiência e expertise dos cientistas nos diversos domínios do saber, pois eles sempre poderão ser fonte de inspiração. Em tempos como os nossos de negacionismo, a necessidade de valorizar a ciência e a experiência dos especialistas nos diversos campos no processo educacional torna-se um imperativo.

O negacionismo é também expressão de um autoritarismo que, ao impor uma visão de mundo distorcida, objetiva impedir o desenvolvimento do pensamento e do comportamento autônomo. Essa prática autoritária por vezes é exercida paradoxalmente sob a aparência de crítica à ciência como exercício de liberdade de expressão, que na realidade atenta contra essa mesma liberdade, por ancorar-se na mentira e utilizá-la como estratégia de convencimento.

Referências

BROWN, John Seely; COLLINS, Allan; DUGUID, Paul. Situated cognition and the culture of learning. **Educational Researcher**, [s. l.], v. 18, n. 1, p. 32-42, Jan-Feb 1989. Disponível em: <https://doi.org/10.3102/0013189X018001032>. Acesso em: 31 mar. 2022.

DEHAENE, Stanislas. Number sense. How mind creates Mathematics. **Oxford University Press**, USA, 6 de nov. de 1997.

DESCARTES, René. **Méditations touchant la Philosophie Première**. 4^{ème} Méditation. Paris: Gallimard, 1953. (Oeuvre et Lettres).

ECO, Umberto. **O pêndulo de Foucault**. São Paulo: Record, 1989.

KOHAN, Walter Omar. Três lições de filosofia da educação. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 24, n. 82, abril 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v24n82/a12v24n82.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2022.

KOHAN, Walter Omar. Sócrates, a educação e a filosofia. De herói a anti-herói. In: GALLO, S.; DAVELON, M.; CORNELLI, G. (org.) **Ensino de filosofia**: teoria e prática. IJUÍ: UNIJUÍ, 2004.

MILLER, Georg A.; GILDEA, Patricia M. How Children learn words. **Scientific American**, [s. l.], v. 257, n. 3, p. 94-99, Sept. 1987. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/scientificamerican0987-94>. Acesso em: 30 mar. 2022.

PLATÃO. **Menon**. Tradução de Maura Iglésias. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Loyola, 2001. Disponível em: <https://revistasofosunirio.files.wordpress.com/2012/04/menon-sem-a-parte-grega.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2022.

PLATÃO. **República**. L. VI. Bauru: Edipro, 1994.

PLATÃO. **Teeteto**. [Versão eletrônica]. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000068.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2022.

Formação de professores e autonomia relativa dos estudantes: o que se pode aprender do método do mestre ignorante?

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução de Lilian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

VIGANÓ, Darly. Leito de Procusto. **APMP**, São Paulo, mar. 2018. Artigos. Disponível em: <https://www.apmp.com.br>. Acesso em: 12 mai. 2022.